

Livro de Poemas

Escolas literárias do Brasil

Quinhentismo -1500

SEM RUMO E SEM PORTO

José de Anchieta Batista

Na vaga noite, Sem rumo, Eu vago, E em mim não trago Qualquer sonhar... Se eu gritar Ninguém responde... Meu ser se esconde Num endereço Que não conheço, Na rua triste Que não existe... Na treta noite, Meu mundo tredo, E eu com medo Dos meus zumbis... Algo me diz Que estou enfermo, Mas sigo a ermo... Na madrugada Navego o nada, Num rio morto, Que não tem margens... E não tem porto. Na fria noite, Um vento frio, Que vem de um rio Que vai pro mar... Chorar? Cantar? Não adianta, Tudo é vazio... Não há mais canto, Não há mais pranto... E é falso o rio. Nesta agonia, A noite é o dia Que não findou... - E eu, quem sou?

MEUS MORTOS

José de Anchieta Batista

Os meus mortos não morreram, Porque meus
mortos não morrem... Meus mortos seguem comigo,
Mais vivos do que meus vivos... Caminham no meu
caminho, Choram meus prantos comigo, Cantam as
mesmas cantigas Que comigo já cantaram... Meus
mortos não morrem nunca, Vivemos na mesma vida!
Às vezes quero chorar A saudade inexorável, Mas
descubro de repente Que meus mortos não morreram,
Que meus mortos estão vivos!

Barroco - 1601

Amor fiel de Gregório de Matos

Ó tu do meu amor fiel traslado Mariposa entre as
chamas consumida, Pois se à força do ardor perdes a
vida, A violência do fogo me há prostrado. Tu de
amante o teu fim hás encontrado, Essa flama girando
apetecida; Eu girando uma penha endurecida, No fogo
que exalou, morro abrasado. Ambos de firmes
anelando chamas, Tu a vida deixas, eu a morte
imploro Nas constancias iguais, iguais nas chamas.
Mas ai! que a diferença entre nós choro, Pois
acabando tu ao fogo, que amas, Eu morro, sem chegar
à luz, que adoro. COPIAR TEXTO COMPARTILHAR
PRÓXIMA E isto é o Amor? Mandai-me Senhores, hoje
que em breves rasgos descreva do Amor a ilustre
prosápia, e de Cupido as proezas. Anjo Bento Destes
que campam no mundo Sem ter engenho profundo E,
entre gabos dos amigos, Os vemos em papafigos
Sem... Inconstância das coisas do mundo! Nasce o Sol
e não dura mais que um dia, Depois da Luz se segue a
noite escura, Em tristes sombras morre a formosura,
A Jesus Cristo Nosso Senhor Pequei, Senhor, mas não
porque hei pecado, Da vossa alta clemência me
despido; Porque, quanto mais tenho delinqüido, VOCÊ

PODE GOSTAR REFLEXÕES DE FÉ PARA A

SONETO VII (Gregório de Matos)

PANDEMIA Afaste a insegurança e a incredulidade da
Ardor em firme coração nascido! Pranto por belos
sua vida DIA DE SÃO CAM

olhos derramado! Incêndio em mares de água
disfarçado! Rio de neve em fogo convertido! Tu, que
em um peito abrasas escondido, (*?) Tu, que em
ímpeto abrasas escondido, Tu, que em um rosto
corres desatado, Quando fogo em cristais aprisionado,
Quando cristal em chamas derretido. Se és fogo como
passas brandamente? Se és neve, como queimas com
porfia? Mas ai! Que andou Amor em ti prudente. Pois
para temperar a tirania, Como quis, que aqui fosse a
neve ardente, Permitiu, parecesse a chama fria.

Arcadismo 1768

Se é Doce (Manoel Maria Du Bocage)

Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se é doce
no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores Dentre os
aromas de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver
anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que
esperta os corações, floreia os prados, Mais doce é
ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos
olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que
a vida.

Amor a Amor Nos Convida (Manoel Maria Eu Bocage)
Com dura e branda cadeia, Com facho ativo e suave,
De seus mistérios coa chave, Amor entre nós volteia:
Já deprime, já glorieia, Já dá morte, já dá vida; E nesta
incessante lida, Que em si traz, que em si contém,
Com o mal, e com o bem, Amor a amor nos convida.

Romantismo 1836

A Tristeza (Gonçalves de Magalhães)

Triste sou como o salgueiro Solitário junto ao lago,
Que depois da tempestade Mostra dos raios o estrago.
De dia e noite sozinho Causa horror ao caminhante,
Que nem mesmo à sombra sua Quer pousar um só
instante. Fatal lei da natureza Secou minha alma e
meu rosto; Profundo abismo é meu peito De amargura
e de desgosto. À ventura tão sonhada, Com que
outrora me iludia, Adeus disse, o derradeiro, Té seu
nome me angustia. Do mundo já nada espero, Nem sei
por que inda vivo! Só a esperança da morte Me causa
algum lenitivo

A Flor Suspiros. (Gonçalves de Magalhães)

Eu amo as flores Que mudamente Paixões explicam
Que o peito sente. Amo a saudade, O amor-perfeito;
Mas o suspiro Trago no peito. A forma esbelta
Termina em ponta, Como uma lança Que ao céu
remonta. Assim, minha alma, Suspiros geras, Que
ferir podem As mesmas feras. É sempre triste,
Ensanguentado, Quer seco morra, Quer brilhe em
prado. Tais meus suspiros... Mas não prossigas,
Ninguém se move, Por mais que digas.

Realismo, Naturalismo e parnasialismo 1881

Sê

Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina, Sê um arbusto no vale mas sê O melhor arbusto à margem do regato. Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore. Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva E dá alegria a algum caminho. Se não puderes ser uma estrada, Sê apenas uma senda, Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela. Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso... Mas sê o melhor no que quer que sejas.

Douglas Malloch

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor. Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente. E os
que lêem o que escreve, Na dor lida sentem bem, Não
as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm. E
assim nas calhas da roda Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Simbolismo 1893

Hão de chorar por ela os cinamomos (Alphonse de Guimaraes)

Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia. Dos laranjais hão de cair os pomos, Lembrando-se daquela que os colhia. As estrelas dirão — "Ai! nada somos, Pois ela se morreu silente e fria.. ." E pondo os olhos nela como pomos, Hão de chorar a irmã que lhes sorria. A lua, que lhe foi mãe carinhosa, Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la Entre lírios e pétalas de rosa. Os meus sonhos de amor serão defuntos... E os anjos dirão no azul ao vê-la, Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos

Cantem outros a clara cor virente (Alphonse de
Guimaraes)

Cantem outros a clara cor virente Do bosque em flor
e a luz do dia eterno... Envoltos nos clarões fulvos do
oriente, Cantem a primavera: eu canto o inverno. Para
muitos o imoto céu clemente É um manto de carinho
suave e terno: Cantam a vida, e nenhum deles sente
Que decantando vai o próprio inferno. Cantem esta
mansão, onde entre prantos Cada um espera o
sepulcral punhado De úmido pó que há de abafar-lhe
os cantos... Cada um de nós é a bússola sem norte.
Sempre o presente pior do que o passado. Cantem
outros a vida: eu canto a morte..

Pré-modernismo 1902

Augusto dos Anjos

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco, Monstro de
escuridão e rutilância, Sofro, desde a epigênese da
infância, A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco, Este ambiente
me causa repugnância... Sobe-me à boca uma ânsia
análoga à ânsia Que se escapa da boca de um
cardíaco. Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas Come, e à vida em
geral declara guerra, Anda a espreitar meus olhos
para roê-los, E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

Augusto dos Anjos

Saudade

Hoje que a mágoa me apunhala o seio, E o coração
me rasga atroz, imensa, Eu a bendigo da descrença,
em meio, Porque eu hoje só vivo da descrença. À noute
qunado em funda soledade Minh'alma se recolhe
tristemente, P'ra iluminar-me a alma descontente, Se
acende o círio triste da Saudade. E assim afeito às
mágoas e ao tormento, E à dor e ao sofrimento eterno
afeito, Para dar vida à dor e ao sofrimento, Da saudade
na campa enegrecida Guardo a lembrança que me
sangra o peito, Mas que no entanto me alimenta a
vida.

Modernismo 1922

Moça linda bem tratada (Mário de

Andrade)

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,
Burra como uma porta: Um amor. Grã-fino do
despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como
uma porta: Um coiô. Mulher gordaça, filó, De ouro por
todos os poros Burra como uma porta: Paciência...
Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.

Monitora: Rafaela Nolasco Silva
Sampaio, NTE: 20, Colégio
Estadual Abdias Menezes